

Pontos riscados e nomações: Exu em discussão

Lourival Andrade Júnior¹

Resumo: Muitos trabalhos já elencaram diversas características e possibilidades da atuação dos Exus no campo religioso brasileiro, mas ainda muitas lacunas permanecem quando observamos suas práticas nos terreiros espalhados pelo Brasil, os pontos riscados e as nomações destes Exus. Analisamos mais de trezentos pontos riscados e nomes dados aos Exus e percebemos a dinâmica que estas personagens emblemáticas do panteão das religiões afro-brasileiras, sobretudo na Umbanda, possuem no que tange seus poderes e suas habilidades.

Palavras-Chave: Exu; Pontos Riscados; Nomações; Umbanda.

Ritual Glyphs and Naming: Discussing Exu

Abstract: Many papers have already pointed out several *Exus'* features and action possibilities in Brazilian religious field; however, while observing practices in *terreiros* throughout Brazil, as well as ritual glyphs and naming of these *Exus*, it is possible to notice innumerable remaining gaps. We have analyzed more than three hundred ritual glyphs and names given to *Exus*, and, therewith, we perceived the dynamics presented by such emblematic personages in the pantheon of afro-Brazilian religions, especially of Umbanda, as far as their powers and abilities are concerned.

Keywords: Exu; Ritual Glyphs; Naming; Umbanda.

Introdução

A Umbanda, religião afro-brasileira, possui uma variedade inumerável de rituais que variam de terreiro para terreiro, de região para região, fazendo dela um território rico para análise das hibridações que ocorreram no Brasil desde o século XVI. Quando nos referimos as hibridações, estamos nos apropriando do conceito de Néstor Garcia

¹Doutor em História e Pós-doutorando no PPGHS/UEL. E-mail: lourivalandradejr@yahoo.com.br

Canclini em “Culturas Híbridas” (2000), que nos coloca as possibilidades de adaptações, justaposições e interfaces que os contatos multiculturais podem gerar. Mesmo que já se tenha tentado uma codificação para sua liturgia e práticas ritualísticas, como podemos observar nas obras de Emanuel Zespo, AB’D Ruanda, Byron Torres de Freitas, Florisbela M. Souza Franco, J. Dias Sobrinho, João de Freitas, Leal de Souza, Lourenço Braga, Maria Toledo Palmer, Oliveira Magno, Samuel Ponze, Silvio Pereira Maciel, Tancredo da Silva Pinto, Waldemar L. Bento, Yokaanam, e mais atualmente Janaina Azevedo e Rubens Saraceni, o que observamos é ainda uma grande liberdade nos terreiros, em que o Pai ou Mãe de Santo, juntamente com as entidades responsáveis pelas giras e trabalhos, possuem autonomia para a condução das sessões, obrigações e encaminhamentos do próprio ritual (gira). É justamente nisto que consiste a riqueza desta religião formada a partir de elementos dos rituais dos povos indígenas, do espiritismo kardecista, do catolicismo e do culto aos orixás yorubanos. Tudo isto em perfeita harmonia, sem que seus membros façam distinções teóricas de possíveis diferenças entre o que diz a literatura umbandista e seus rituais. A Umbanda se faz na diferença e na harmonia.

Neste emaranhado de entidades e orixás, algumas práticas são percebidas em todos os terreiros, e isto faz com que a Umbanda consiga se diferenciar de outras religiões afro-brasileiras ou afro-ameríndias. Entre elas está a utilização dos pontos riscados. Vale ressaltar que os pontos cantados são utilizados em todas estas religiões (Umbanda, Candomblé, Terecô, Omolocô, Tambor de Mina, Candomblé de Caboclo, Jurema Sagrada, Almas e Angola, entre outras). O ponto cantado é a forma de chamar os orixás e entidades, dependendo da religião, além de ser utilizado nos descarregos, defumações, homenagens e obrigações. É uma forma de chamamento respeitoso daquela entidade que se fará presente nos trabalhos mediúnicos.

Já os pontos riscados são marcantes e indispensáveis na Umbanda. É o reconhecimento da entidade que vai se firmar na cabeça do médium (também chamado de cavalo) e que, a partir de sua identificação, terá um nome e terá em seu ponto riscado um elemento de força energética que ajudará o médium e o terreiro na condução dos trabalhos. É a assinatura definitiva e imexível da entidade espiritual, não podendo ser alterado. É uma imagem que independe do receptor. Não pode ser alterado. É uma imagem que independe do receptor. Não cabem inovações. Os pontos e seus significados estão guardados e fossilizados no tempo. Segundo Martins, “através deles,

identificam-se Falanges, Entidades espirituais, Orixás, etc. Na realidade, trata-se de uma comunicação visual codificada por meio de símbolos específicos” (MARTINS, 2011, 110). Os pontos expressam as habilidades, os cruzamentos e as forças que seus detentores possuem.

Analizamos em trabalhos anteriores pontos riscados e cantados de Pretos-Velhos e Caboclos (2013 e 2014, respectivamente), desta vez decidimos por uma das personagens mais controvertidas no panteão das religiões afro-brasileiras: Exu. Para tanto, analisamos trezentos e dezoito pontos riscados de Exus e também o mesmo número de nomeações dadas a esta entidade. Estes pontos foram recolhidos em visitas ao Centro Espírita Caboclo Junco Verde (Itajaí/SC), Centro Espírita São Judas Tadeu (Itajaí/SC) e no livro 3000 Pontos riscados e cantados na Umbanda e Candomblé.

Nomeações são os nomes dados e aceitos pelos Exus e são relevantes para o entendimento do universo dos Exus na Umbanda, já que passam a ser identificados por estas designações e a incorporar os sentidos que delas advém..

Antes de analisarmos os pontos riscados e as nomeações, é importante conhecermos um pouco sobre o Exu do Candomblé e os Exus da Umbanda e de outras religiões afro-brasileiras.

O Exu do Candomblé é um dos mais importantes orixás da imensa quantidade de orixás das religiões africanas, sobretudo para os iorubás. É praticamente uma unanimidade que o Exu é o orixá mensageiro, ou seja, aquele que é responsável em levar os pedidos dos humanos que vivem no Ayé (terra) para os outros orixás que vivem no Orun (mundo dos Orixás). Sem Exu nada se movimenta. Além desta função o mesmo também é o responsável pela fertilidade, ou seja, ligado diretamente a sexualidade. Com a chegada dos missionários europeus em território africano, principalmente na Nigéria e Daomé (atual Benin), a partir do século XVIII, ao se depararem com o culto a este orixá e que tinha em suas representações chifres e falos gigantescos, estes missionários não tiveram dúvida de associa-lo a imagem do diabo cristão. Este estigma o acompanhou ao Novo Mundo. Vale salientar, que na religião tradicional africana, o mal e bem não são antagonistas, mas sim integrante de um mesmo universo. Ou seja, não existe a figura macabra do diabo, ou de um orixá que represente as forças maléficas. Apesar disso, muitas religiões ocidentais continuam relacionando Exu ao Mal.

Nos estudos realizados por pesquisadores que se debruçaram sobre as culturas negras no Brasil, os Orixás e as religiões afro-brasileiras, percebe-se como o preconceito aparece em seus escritos. Sparta nos alerta que os Exus “não são verdadeiros orixás, mas são os espíritos, ou demônios, mais conhecidos no Iorubo, e infelizmente, em todo o mundo” (SPARTA, 1970, 43). E completa, afirmando que “as manifestações de Exu [são]: as burlas, zombarias, mas também os danos, indecência, maldade” (SPARTA, 1970, 44). Antes ainda, em 1937, Artur Ramos afirmava que Exu era uma “entidade maléfica” (RAMOS, 1971, 191).

Esta confusão, como afirmamos anteriormente, teima em permanecer e são motivações para ataques a terreiros e lugares sagrados para os adeptos das religiões afro-brasileiras e que tem em Exu um dos seus representante mais destacados e procurados.

Prandi também nos alerta para os binômios impingidos a “Exu no seu contato com o ocidente: sexo e pecado, luxúria e danação, fornicação e maldade” (PRANDI, 2005, 72), fazendo com que “a maldição importa a Exu na África por missionários e viajantes cristãos desde o século XVIII foi sendo completada no Brasil nos século XIX e XX” (PRANDI, 2005, 81).

Ao analisar os terreiros, sobretudo da Bahia, Edison Carneiro, escreveu que “Exu não é um orixá – é um criado dos orixás e um intermediário entre os homens e os orixás” (CARNEIRO, 1977, 68). Neste sentido, o autor desqualifica Exu como um dos orixás iorubas e o coloca apenas como mensageiro. A função de Exu como aquele que leva e traz informações e energias do Orun, não pode ser minimizada. Este papel de mensageiro indica a importância desta função, já que sem ela, nada aconteceria. Exu é o único orixá que conhece todos os segredos dos outros orixás, justamente por cumprir uma função de emissário e guardião.

Alguns membros de umbanda, para fugirem das negativas impostas sobre os Exus, acabaram por dividir os rituais em dois: Umbanda e Quimbanda. A primeira lidaria com os orixás e espíritos de luz (caboclos, Pretos-Velhos e os falangeiros dos Orixás). Já a Quimbanda, seria o espaço para a atuação dos espíritos desencarnados com pouca iluminação, ou seja, os Exus e Pombagiras (também ciganos, malandros marinhos, entre outros). Esta divisão não é aceita por muitos terreiros, principalmente, porque a Quimbanda acabou sendo associada a magia negra,

equivocadamente. Segundo Pordeus Jr., “Exu sofre essa reinterpretação, e é posto na Quimbanda, em que é acorrentado e subjugado às forças do bem, ou em outras palavras, dominado pela ideologia brasileira se suas hierarquias” (PORDEUS JR, 2011, 78).

Pai Cido de Ósun Eyin, em um trabalho de fôlego sobre o Candomblé, afirma que “Exu é a figura mais controvertida do panteão africano, o mais humano dos orixás, senhor e princípio e da transformação” (EYIN, 2008, 79). Nesta afirmação o autor aproxima Exu dos seres humanos, e podemos comprovar isto tanto no Exu do Candomblé quanto no Exu da Umbanda. Suas características ficam muito evidentes nas suas nomeações, em que ações humanas também são utilizadas para identificar os Exus, como veremos mais à frente.

Em Almas e Angola, uma religião derivada da Umbanda e que tem em Santa Catarina muitos adeptos, não inclui Exu no panteão dos orixás. Para esta prática religiosa Exu está na categoria de “entidades espirituais ou guias”, Segundo Martins, sacerdote e pesquisador de Almas e Angola, o Exu “está submetido a outras divindades, fazendo ligação entre o mundo dos homens e a dimensão dos deuses” (MARTINS, 2011, 73). O autor não nega a importância de Exu, inclusive o categorizando como mensageiro, mas ao mesmo tempo, não dá a ele o status de orixá. Isto, de forma clara, diferencia o Exu do Candomblé e o Exu da Umbanda. Este último, ao se apresentar por meio da incorporação de um médium, segundo os umbandista, não é o orixá e sim um falangeiro do orixá Exu, aquele que vem a seu serviço. Na Umbanda como um todo, os orixás são vistos como seres intocáveis, por conta disto todas as entidades baixadas nos terreiros, são falangeiros dos diversos orixás. Independente disto, os orixás devem ser cultuados e oferendas devem ser entregues para todos eles em seus locais de domínio. Reforçando: nenhum orixá se apresenta incorporado em terreiro de Umbanda, mas sim seus falangeiros. Mesmo sendo um tema aceito na Umbanda, o autor acima citado, desloca Exu para uma categoria de ser não divinizado (divindades) como “*Oxalá, Nanã, Xangô, Yemanjá, Oxossi, Oxum, Ogum, Inhasã e Obaluaê*” (MARTINS, 2011, 69), mesmo concordando que também as divindades não atuam diretamente no terreiro, mas sim seus falangeiros.

Exu transita entre a divindade intocável e a humanização. Isso fica evidente em muitos terreiros, como bem apontou Prand: “Exu pode ter uma dupla natureza. Ele pode ser cultuado, no mesmo local de culto e pelas mesmas pessoas, como o mensageiro mais

próximo do orixá africano e como o espírito desencarnado mais próximo dos humanos” (PRANDI, 2005, 93). Ao que nos parece, é justamente a aproximação de Exu com o mundo terreno, suas habilidades, seu comportamento muitas vezes extrovertido e em outras introvertido, ou seja suas mudanças temperamentais, fez com fosse percebido como muito próximo dos sentimentos humanos, e acabamos nos comparando, ou inversamente a isso, comparando Exu com nossas atitudes humanas. Nos próprios trabalhos nos terreiros, observamos isso. Os Caboclos e Pretos-Velhos, por exemplo, tem sempre a mesma postura e atitude, já os Exus podem ter seu humor alterado de uma sessão para outra. Isso fez com que ele fosse encarado como um reflexo de nós mesmos e por isso nos entende com mais clareza e pode atender nossos pedidos com mais eficiência.

No caminho percorrido pela Umbanda, Exu foi se colocando num posto de guardião do terreiro. Da mesma forma como era visto na cultura iorubá, na Nigéria, e no Daomé, descrito por Verger, que identificou Exu como “o guardião dos templos, das casas, das cidades e das pessoas” (VERGER, 1981, 76). A cangira (casa) de Exu sempre postada à frente do terreiro, estando na posição de guarda, já a destaca na composição espacial nos locais de culto.

Mas, além disso, sabemos que as religiões afro-brasileiras nunca tiveram vida fácil no Brasil. Perseguições se seguiram, não somente pela população que via nelas a emanção do mal, mas também por meio de leis coercitivas e punitivas em relação as práticas destas religiões e seus adeptos. Foi então que o Exu da Umbanda teve um papel determinante na proteção dos terreiros, não somente como o guardião espiritual, mas na tentativa de intimidar aqueles que se dirigiam aos terreiros para pôr fim aos seus rituais.

Os Exus passaram a ser nominados com designações que imputavam a ele uma força ligada às trevas, ao mágico, ao violento, ao demoníaco (do ponto de vista cristão), fazendo com que fossem temidos. Estes nomes que foram utilizados com um objetivo muito claro, passaram a fazer parte da identidade comportamental e ritualística destes Exus, permanecendo até hoje. Exu precisava expulsar os invasores materiais e espirituais, como bem apontou Queiroz, e assim é “importante que Exu seja violento para poder controlar o inimigo que vem de fora; é preciso mostrar uma imagem terrível, mesmo correndo o risco de endossar as noções negativas atribuídas de fora para dentro” (QUEIROZ, 2012, 164). E assim os Exus passaram a despertar ainda mais interesse, curiosidade e definitivamente passou a ser o mais temido, prevalecendo “a imagem do

subalterno bárbaro, demônio e sanguinário, aquele que não são confiáveis e, portanto devem ser evitados” (BARROS, 2012, 303).

Mesmo diante de todos adjetivos que desqualificam os Exus, os consulentes que vão aos terreiros procuram-nos para resolverem seus problemas materiais e por vezes espirituais. Não são procurados para cura (física): isso já pertence ao universo dos Caboclos e Pretos-Velhos. Nesse sentido – e relativizando as visões pejorativas dos Exus -, Barbosa Junior propõe que os Exus

São agentes da Luz atuando nas trevas. [...] combatem o mal e estabilizam o astral na escuridão, cortam demanda, desfazem trabalhos de magia negra, auxiliam em descarregos e desobsessões, encaminham espíritos com vibrações deletérias para a luz ou para ambientes específicos do Astral Inferior, a fim de se reabilitarem e seguirem a senda da evolução” (BARBOSA JUNIOR, 2011, 99)

Mesmo sendo o livro de Barbosa Junior uma produção que busca a conscientização dos umbandistas e de ser doutrinário, de qualquer forma, nos coloca diante de uma visão que se contrapõe ao que comumente se entende por Exu. Esta incompreensão se dá, também, pela forma como foram se constituindo os Exus de Umbanda, principalmente, ao longo da história. Como já afirmamos, as nomeações dadas e aceitas pelos Exus criaram uma aura de mistério e apreensão em relação a eles. Notadamente, muitas destas nomeações fazem com que percebamos o quanto os Exus foram humanizados pela própria prática da Umbanda, e conseguimos identificar neles características que são humanas, podemos destacar: Exu Trapaceiro, Exu Tagarela, Exu Gostoso, Exu Falador, Exu Galhofeiro, Exu Arruaça, Exu Alegria, Exu Encrenca, Exu Risada, Exu Formoso, Exu Vencedor, Exu Catingoso, Exu Vagaroso, Exu Vigilante, Exu Mudinho, Exu Malandro, Exu Esfarrapado, Exu Gargalhada, entre outros.

Muitos dos nomes retiram de Exu a sisudez, como bem apontou Barbosa Junior (2011). Segundo o autor, “Exus são alegres e brincalhões, e ao mesmo tempo dão e exigem respeito” (BARBOSA JUNIOR, 2011, p. 99). Exu parecendo bastante amistoso, é carregado de sutilezas, e ao mesmo tempo que ri, está se preparando para a batalha no plano espiritual, como dizem os adeptos da Umbanda, utilizando um ditado popular: “Exu não dá ponto sem nó”.

Nesta aproximação entre função e nomeação, os Exus mantém a tradição de se amalgamar com termos utilizados para identificar seus poderes ligados as “forças do mal”. É como uma estratégia para afugentar possíveis detratores violentos que impingiam a destruição e o fim dos terreiros de Umbanda, sobretudo. Neste sentido,

encontramos Exus com nomes ligados diretamente aos demônios ou suas emanções, como Exu Vampiro, Exu Renegado, Exu Capeta, Exu Lúcifer. Ou a animais noturnos, como Exu Morcego e Exu Coruja. Nesse sentido, reiteramos que as religiões afro-brasileiras não concebem o mal como antagônico ao bem. Neste sentido, a nomeação só reforça o poder dos Exus e a permanência estratégica do amedrontamento como forma de proteção das casas que atuam.

Analisando as diversas de nomeações, percebemos que muito do que se identifica como sendo características específicas podem ser relativizadas. Em relação aos espaços de atuação e de empoderamento, por exemplo: encontramos na bibliografia especializada sempre os mesmos lugares relacionados a eles, como mercados, pântanos, caminhos, encruzilhadas. “Na verdade, Exu gosta do movimento, de lugares com muita gente, onde confusões não demoram a aparecer” (EYIN, 2008, 80), ainda “calungas, porteiros, entradas e saídas” (MARTINS, 2011, 74). No caso de “cemitérios, encruzas, becos” (BIANCHETTI, 2008, 134): muitos desses lugares aparecem nos nomes dos Exus (Exu Caminho, Exu Calunga, Exu Cemitério, Exu do Lodo, Exu do Limo). Mas não só isso: os Exus saíram desses lugares tradicionais e passaram a ocupar outros, por meio da irradiação dos Orixás que representam e comandam estes espaços. São exemplos desses novos lugares, menos explorados na literatura: Exu Serra Negra, Exu Campina, Exu Pedreira, Exu Barreiro, Exu Tempestade, Exu das Matas, Exu Pedra Negra, Exu dos Rios, Exu Maré, Exu Calunguinha do Mar, Exu Zé da Praia e Exu dos Ventos.

Entendemos que estas nomeações abrem um leque de possibilidades de atuação dos Exus em novos espaços, anteriormente reservados somente aos Orixás (Pedreira – Xangô; Tempestade, Ventos – Inansã; Matas – Oxossi; Rios – Oxum; Maré, Mar, Praia – Iemanjá; por exemplo), tirando-os dos lugares lúgubres e insalubres que tradicionalmente lhe eram imputados. Exu ganhou novos ares.

Para além da truculência atribuída aos Exus, alguns nomes sugerem outras visões. Destacamos o Exu Violeiro, Exu Lirista, Exu Pé de Valsa, Exu Acadêmico e Exu Bacharel. Novamente, a humanização aparece com muita força. Exus que se identificam e são identificados com atributos sensíveis retiram a violência de seu nome e os colocam num lugar de superioridade intelectual em relação ao que se diz sobre ele. Os Exus ocupam novos espaços anteriormente negados ou não identificados.

A Umbanda possui um panteão de Exus conhecidos e que atuam em todo o

Brasil e que já foram estudados por intelectuais umbandistas, como Ademir Barbosa Junior, que publicou em 2014 a Coleção Laroîê (Editora Anubis), em que analisa os seguintes Exus: Veludo, Tiriri, Sete Encruzilhadas, Caveira, Meia Noite, Tranca Ruas e Capa Preta. Outro também já estudado foi o Exu Marabo, na publicação “Exu e seus assentamentos: inspirado pelo Exu Marabo) de Evandro Mendonça, também da Editora Anubis, em 2010. Um dos mais famosos é o Exu Pelintra (ou Pulintra), que foi estudado por Zeca Ligiéro, no livro “Malandro Divino: biografia de Zé Pelintra, personagem mítico da Lapa carioca” (Editora Nova Era, 2004). Esses Exus espalharam-se por todo o território nacional. É comum encontrá-los em terreiros de Umbanda, por exempli. Nessas publicações, os autores descrevem os Exus como seres que estão na terra para ajudar e resolver problemas imediatos e contribuir para a melhoria da vida de seus consulentes. Vale destacar que o Exu Pulintra é considerado mestre na Jurema Sagrada Nordestina (Catimbó), visto como galanteador. É “conhecido como sendo de Alhandra [Paraíba], apesar de não possuir jurema plantada nesse local. É também cantado como sendo de Pernambuco ou Ceará” ASSUNÇÃO, 2006, 151). Ou seja, extrapola a malandragem carioca e se desloca para o mundo nordestino, tornando-se juremeiro e cultuado nas giras do Catimbó e nas rasteiras da Jurema.

Nas nomeações que nos debruçamos, a mais recorrente é a utilização do 7 (sete) nos nomes dos Exus, superando numericamente os conhecidos Exus Tranca: Portas, Ruas, Tudo, Gira, Cruzes, Ventos, Encruzas, entre outros). Estes Exus Trancas são responsáveis em não deixar que nada de negativo aconteça no terreiro e com o seu médium, por isso a necessidade de trancar para que nada de ruim entre. Voltando ao sete, segundo Saez, o “7 é o organizador da cosmologia umbandista” (SAEZ, 1996, 88). Já segundo Saraceni, “esse sete significa que eles atuam nas irradiações divinas ao mesmo tempo e que são regidos por um mistério sétuplo” (SARACENI, 2008, 113). O autor aponta que as sete vibrações divinas são: “fé, amor, conhecimento, justiça lei, evolução e geração” (SARACENI, 2008, 115). O número sete é bastante recorrente em diversas religiões, na Umbanda se apresenta de forma marcante ao pregar que são sete as Linhas de Umbanda, que se diferenciam de região e de terreiro para terreiro. Em nossas pesquisas, nos terreiros e no livro anteriormente citados, encontramos os seguintes Exus Sete: Giras, Estrelas, Pedras, Mirongas, Estradas, Curimbas, Teias, Lápides, Velas, Sinos, Chifres, Brumas, Caminhos, Facas, Lados, Serras, Vidas, Montanhas, Portas, Encruzilhadas, Encruzas, Pontas, Cadeados, Ferrolhos, Tumbas,

Chaves, Cruzes, Poeiras, Ruas, Sombras, Porteiras, Covas, Catacumbas, Nós e Trancas).

São inúmeras as habilidades encontradas nas nomações dos Exus ligados ao cemitério (Exu Sete Lápides, Exu Sete Tumbas, Exu Sete Cruzes, Exu Sete Covas, Exu Sete Catacumbas), aos caminhos (Exu Sete Estradas, Exu Sete Caminhos, Exu Sete Encruzilhadas, Exu Sete Encruzas, Exu Sete Ruas), as entradas e saídas (Exu Sete Portas, Exu Sete Cadeados, Exu Sete Ferrolhos, Exu Sete Chaves, Exu Sete Porteiras, Exu Sete Trancas). São características de pertencimento reafirmadas, que dinamizam sua atuação e sua influência no mundo terreno (Exu Sete Estrelas, Exu Sete Pedras, Exu Sete Brumas, Exu Sete Serras, Exu Sete Montanhas). Exu é o movimento, inclusive quando aparecem as aderências a estes outros espaços. Exu também é regeneração, e como um gato, segundo o dito popular possui muitas vidas – Exu Sete Vidas.

Antes de adentrarmos o universo dos pontos riscados, dois outros nomes de Exus nos chamaram a atenção, por se tratarem de termos muito ligados a história dos negros escravizados no Brasil. O primeiro deles é Exu Capoeira, sendo esta (a capoeira) atividade que impulsionou diversos levantes individuais e coletivos de negros que praticavam a capoeira, inicialmente como dança, mas que foi se transformando em uma luta marcial negra. Soares, nos informa que a capoeira não era praticada escondida “longe do olhar das classes letradas e proprietárias, mas uma atividade visível no dia-a-dia, no cotidiano, diante do olhar de todos, e motivo de medo e preocupação” (SOARES, 2004, 22). Ao utilizar o nome Exu Capoeira, temos uma entidade que nos aproxima da realidade excludente em que viviam os negros no Brasil Colonial e Imperial e que fez com que a capoeira se tornasse símbolo de resistência e luta contra a escravidão. O segundo é Exu Malê. Sabemos pelos estudos de Nei Lopes que os malês formaram um grupo resistente e guerreiro, que se colocava veementemente contrário a escravização no Brasil. Eram negros islamizados, que organizaram levantes na Bahia que culminou com a Revolta dos Malês de 1835, sendo este, um dos mais relevantes atos contra o Império e a escravidão. Lopes afirma, que o

culto malê foi um dos fatores de aglutinação que, no Brasil, os africanos encontraram para se fortalecer e lutar contra a opressão. Através dele, diferentes etnias reuniram-se sob uma só bandeira e uma só nação – a ‘nação islâmica’. (LOPES, 2006, 75)

Os Exus comumente descritos como beberrões, arruaceiros, mulherengos e boêmios, acabam escondendo qualidades ligadas a liberdade e a luta por melhores

condições de vida para os que os procuram. Ao estarem ligados a capoeira e aos malês, Exu ganha uma nova dimensão de libertador e responsável, retirando dele a pecha de irresponsável e somente vivendo na marginalidade sem propósito definido. Claro que estamos dando apenas dois exemplos, mas acreditamos que discutir as obviedades já consagradas sobre os Exus de fundamental importância para eliminarmos as generalizações e homogeneidades.

No tocante aos trezentos e dezoito pontos riscados que analisamos, os Exus da Umbanda apresentam-se como símbolos que os identificam elementos também conhecidos em pontos de outras entidades (Caboclos e Pretos-Velhos, por exemplo), mas tendo alguns que se diferenciam. Encontramos nos pontos riscados símbolos como: estrela, cruz, caveira, cobra, lua, vela, livro, caixão funerário, flecha, faca, navalha, cartola, coroa, sol, pemba, charuto, carta de baralho, corneta, cadeado, ferradura, espada e o tridente.

Todos os pontos são riscados por uma pemba, objeto sagrado na Umbanda e na maioria das religiões afro-brasileiras sendo ela um tipo de gesso (calcário, caolim). Segundo Lody, a pemba

é obrigatoriamente encontrada em locais onde há liturgia propiciatória da abertura dos caminhos. Em área da Umbanda, tradicionalmente as pembas de diferentes cores têm uso para riscar ou traçar os pontos sobre o solo ou sobre tábuas de madeira. Também podem ter uso corporal e em outros locais. (LODY, 2006, 291)

Ou seja, o ponto riscado compõe um dos elementos mais importantes nos rituais da Umbanda, quando ocorre a confirmação da entidade de determinado médium e como firmeza de algum trabalho na casa, quando riscado pela entidade chefe do terreiro. Só pode ocorrer com a pemba, e na maioria dos casos após o ponto estar riscado, a entidade entoia o seu ponto cantado e firma o riscado com um ponteiro (tipo de punhal sem corte).

Cada Exu pode ter mais de um ponto riscado, o que em muitos casos dificulta a análise, e mesmo que o ponto riscado tenha que ser entendido no seu todo, os elementos constitutivos do ponto nos dão pistas de quem estamos falando e também de suas habilidades.

Na relação entre o simbólico e a interpretação, temos um elemento que é encontrado em muitos pontos de diversas entidades: a estrela. Este elemento significa na

composição dos pontos riscados de Exu, sinal de evolução e sabedoria. Segundo O'Connell e Airey, “como pontos infinitesimais de luz que iluminam a escuridão, as estrelas quase sempre foram vistas como símbolos celestiais, anunciadores da presença divina” (O'CONNELL & AIREY, 2010, 122). Nos pontos que analisamos a estrela aparece em vinte e sete, ficando apenas abaixo do tridente (veremos mais a frente) e da cruz.

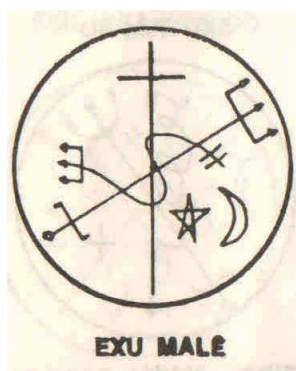
A cruz é elemento bastante encontrado nos pontos de Pretos-Velhos. No caso dos Exus, destacamos duas interpretações. A primeira está relacionada a hibridação que esta entidade sofreu na Umbanda, aproximando-a ao cristianismo católico, e tendo este um elemento constituinte do entendimento simbólico do martírio do Cristo e por consequência da salvação emanada para todos os seres humanos. Vale salientar que a cruz, não é exclusiva dos cristãos, sendo encontrada da tradição da China, Egito e América Central pré-colombiana, além de fazer parte de diversas culturas africanas sulsaarianas representando a ligação do mundo dos vivos com o mundo dos mortos.

A segunda possibilidade de entender as cruces, nos fez recorrer a Ortiz, quando nos informa que “outra dimensão de Exu é que o associa a ideia de morte” (ORTIZ, 1999, 134). Já havíamos citado anteriormente alguns elementos que aparecem nas nomações e que estão diretamente ligados a morte (cemitério, covas, catacumbas, lápides, tumbas, calunga, caveira) e sem dúvida as cruces (muitas vezes simples e em outros pontos mais elaboradas) que apareceram em cento e quarenta e dois pontos riscados, é um símbolo que reforça a afirmação de Ortiz. No caso da Umbanda praticada no sul e sudeste do Brasil, o cemitério (calunga pequena) é um local de forte atuação dos Exus que possuem neste domínio espacial o controle sobre os mortos que lá entram que passam também a conviver com as oferendas entregues nos corredores das necrópoles aos Exus da Calunga, normalmente representados pela cor preta (velas, roupas, guias), diferente dos Exus das Encruzilhadas que tem no preto e vermelho suas cores de predileção.

O quarto elemento, numericamente, que aparece nos pontos analisados foi a lua. Também encontradas em pontos de Caboclos e Pretos-Velhos, a lua em muitas culturas religiosas está associada a sabedoria e a humildade, que ao refletir a luz solar ilumina a terra e tudo que nela existe. Na Umbanda, e especificamente nos Exus, é associada à fertilidade, à irracionalidade, ao inconsciente e ao oculto. Pode aparecer nos pontos em suas quatro fases, dependendo da vibração e irradiação do Exu que o risca. Escolhemos

um dos pontos riscados do Exu Malê (entre tantos possíveis) para demonstrar os elementos anteriormente citados, e por ser um ponto em que os três símbolos aparecem conjuntamente, o que não necessariamente ocorre em outros pontos.

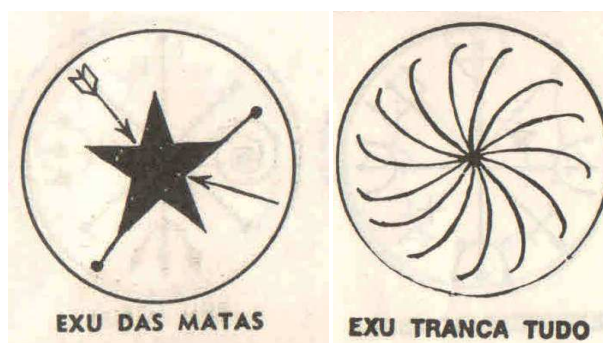
Figura 1



Fonte: 3000 pontos riscados e cantados na Umbanda e no Candomblé, p.317.

O símbolo indispensável nos pontos riscados de Exu é o tridente. Dos trezentos e dezoito pontos estudados, em apenas dois o tridente não aparece (em um dos pontos do Exu da Matas e em um dos pontos do Exu Tranca Tudo). No primeiro, o tridente é substituído pela flecha, também elemento de emanção de força. No segundo, aparece um tipo de hélice ou cata-vento que demonstra movimento contínuo.

Figura 2



Fonte: 3000 pontos riscados e cantados na Umbanda e no Candomblé, p.301 e 316.

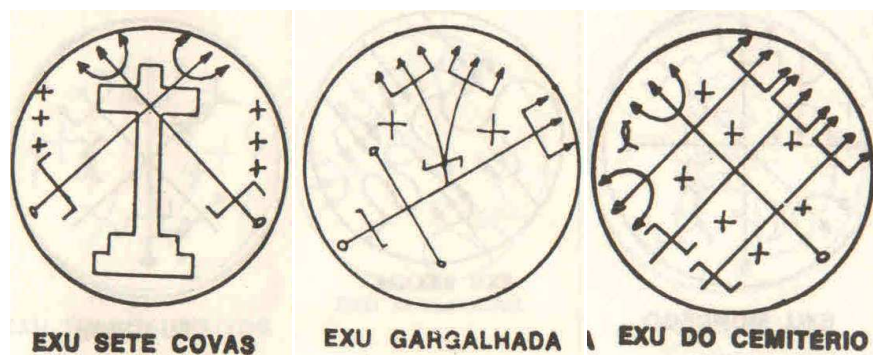
O tridente ou os tridentes são elementos recorrentes. São a própria essência dos Exus da Umbanda. Sabemos que o elemento ou ferramenta do Exu iorubano, segundo

Verger é o “ogó, que teria a propriedade de transportá-lo, em algumas horas, a centenas de quilômetros e de atrair, por um poder magnético, objetos situados a distância igualmente grandes” (VERGER, 1981, 76). Sobre o ogó, Lody afirma que é o “falo representado [...] é antes de tudo, uma forte lembrança da atividade sexual e do poder fertilizador do orixá.” (LODY, 2006, 192). No Brasil, mais especificamente na Umbanda e em muitas casas de Candomblé, o ogó foi substituído pelo tridente, que segundo Lody “mantém a verticalidade fálica indispensável, e na parte superior os dentes induzem conformação circular, aproximando-se, assim do desenho básico-fundamental do falo masculino.” (LODY, 2006, 192). É justamente a utilização do tridente nos pontos riscados e nos assentamentos dos Exus que perfaz a associação ao diabo cristão. Vale destacar, mesmo assim, que se trata do tridente que aparece em outras culturas: como elemento do deus Netuno e da deusa Shakti do Hinduísmo, além de representar as três joias do Budismo (Buda, Dharma e Sangha).

Os tridentes podem aparecer com os garfos curvos ou retos. Segundo membros do Centro Espírita Caboclo Junco Verde, o curvo significa que o Exu tem como domínio a Calunga (cemitério), já o reto a encruzilhada. Independente desta interpretação é importante lembrar que muitos Exus atuam nos dois espaços simbólicos e isto fica evidente nos pontos.

Outro fator que está relacionado ao tridente é que ele não define um único caminho. Ou seja: Exu dá no mínimo três possibilidades para seguirmos, cabendo a nós a decisão. Abaixo podemos observar três pontos riscados, com as três possibilidades de tridentes

Figura 4



Fonte: 3000 pontos riscados e cantados na Umbanda e no Candomblé, p. 316, 308 e 314.

Como bem definiu Verger, “Exu é um orixá ou um eborá de múltiplos e contraditórios aspectos, o que torna difícil defini-lo de maneira coerente” (VERGER, 1981, 76). Isto não é diferente com a entidade Exu da Umbanda. Podemos perceber analisando nomeações e pontos riscados que os Exus não podem ser categorizados com a rigidez das normas e dos conceitos. Seus domínios são diversos, seu caráter se altera, sua proximidade com a humanidade faz com que seus atos sejam confundidos com displicência, seu espírito bruto e agressivo são questionáveis, ou seja, toda uma gama de tentativas de rotular os Exus caem por terra a cada vez que nos atentamos para tudo aquilo que é característico de sua natureza.

Do Orun ao Ayé. Do Ayé ao Orun. Do cemitério a encruzilhada e dela para as matas, rios e mares. Exu está em todos os lugares e pertence a mais nobre estirpe de Orixás iorubanos que no Brasil se multiplicaram em entidades que mantêm uma africanidade que remete ao Exu ancestral da cultura iorubá, mas também que adquiriu uma brasilidade, uma malemolência, uma diversidade com a incorporação de personagens específicos do país e que fez dos Exus as entidades do panteão umbandista mais procuradas por pessoas de todos os sexos e classes sociais. Para comprovar isto é só visitar um terreiro de Umbanda em dia de gira de Exu. É preciso chegar cedo.

Exu é resistente e não se calará, mesmo sofrendo os mais ferrenhos aviltamentos ao longo dos séculos. As religiões afro-brasileiras tem nele um pilar irremovível, que sustenta e garante a continuidade dos trabalhos mediúnicos e o equilíbrio das forças mágicas, imprescindíveis para a manutenção de práticas milenares que se mantêm muito vivas no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Luiz. **O reino dos mestres**: a tradição da jurema na umbanda nordestina. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- BARBOSA JUNIOR, Ademir. **Curso essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos livros, 2011.
- BARROS, Sullivan Charles. As entidades “brasileiras” da Umbanda. In: ISAIA, Artur Cesar & MANOEL, Ivan Aparecido (Orgs.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras**. São Paulo: UNESP, 2012.
- BIANCHETTI, Thiago Angelin. Os Exus na Umbanda e na Igreja Universal do Reino

- de Deus. In: **Revista KuléKulé**. Maceió: UFAL, 2008.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2000.
- CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- EYIN, Pai Cido de Osun. **Candomblé: a panela do segredo**. São Paulo: saraiva, 2008.
- LODY, Raul. **Dicionário de arte sacra e técnicas afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MARTINS, Giovani. **Umbanda de Almas e Angola: ritos, magia e africanidade**. São Paulo: Ícone, 2011.
- O'CONNELL, Mark & AIREY, Raje. **Almanaque Ilustrado de Símbolos**. São Paulo: Escala, 2010.
- ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasileiras, 1999.
- PORDEUS JR. Ismael. **Umbanda: Ceará em transe**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.
- PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados: Orixás na lama brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- QUEIROZ, Marcos Alexandre de Souza. Exu de santo e exus da jurema: encontros e caminhos. In: ASSUNÇÃO, Luiz (Org.). **Um barco: experiências etnográficas e diálogos com as culturas populares**. Natal: EDUFRN, 2012.
- RAMOS, Artur. **As culturas negras no Novo Mundo**. São Paulo: Brasiliense;INL, 1979.
- SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasmas falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro**. Campinas: UNICAMP, 1996.
- SARACENI, Rubens. **Orixá Exu: fundamentação do mistério - Exu na Umbanda**. São Paulo: Madras, 2008.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: UNICAMP, 2004.
- SPARTA, Francisco. **A dança dos Orixás**. São Paulo: Herder, 1970.
- VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: deuses iorubas na África e no novo mundo**. São Paulo: Corrupio, 1981.
- 3000 Pontos riscados e cantados na Umbanda e Candomblé**. Rio de Janeiro: Eco, 1974.